



O CLÁSSICO-REI

O CLÁSSICO-REI

O futebol, como todo esporte competitivo, tem na disputa entre adversários a sua essência. Destas disputas são criadas as rivalidades que dão emoção aos apaixonados pelo esporte. No entanto, vale diferenciar a rivalidade entre times competindo em um campeonato com a rivalidade que aqui estamos chamando de Clássico-Rei.

Em um clássico há mais do que disputa. Há uma rivalidade que ultrapassa o simples confronto por 90 minutos no gramado do campo. A rivalidade que estamos apresentando neste fascículo cria uma verdadeira relação simbiótica, em que a vitória contra o time rival tem um peso que pode ser ponto de virada em uma má fase, ou um momento de indignação mesmo nos melhores ciclos. Quando o rival joga melhor, o incentivo e a cobrança da torcida aumentam. Quando ganhamos, é alma lavada! Desta forma, falar sobre a rivalidade entre Ceará e Fortaleza é falar sobre o confronto que marca gerações e infla as paixões dos torcedores. Confronto que já é mais do que centenário e que cada vez mais vai ganhando importância no cenário esportivo nacional.

PRIMEIROS CONFRONTOS

Desde o ano da fundação do nosso maior rival, em 1918, as primeiras disputas entre os dois clubes começaram a ser realizadas, naquele momento no antigo Campo do Prado pela Liga Metropolitana de Futebol Cearense, antecessora do nosso Campeonato Cearense. Por problemas extracampo, o campeonato só foi iniciado em outubro, o que permitiu a participação do recém-fundado Fortaleza.

Com duração de dois meses e com apenas quatro equipes participando, o campeonato permitiu dois confrontos entre os clubes rivais, um dos quais foi a final. No certame decisivo, realizado em 17 de dezembro de 1918, o show ficou a cargo do alvinegro e o resultado não poderia ser outro, foi vitória do Ceará S.C.! O alvinegro venceu a partida por 2x0, com gols de Walter Barroso e Enoch. Mantendo-se invicto em todas as partidas realizadas desde sua fundação. É inquestionável que os primeiros encontros entre os dois clubes foram marcados pela superioridade absoluta do alvinegro.



O CAMPEONATO CEARENSE DE 1922

Completando seu centenário este ano, o campeonato estadual de 1922 foi um dos mais importantes realizados durante os primeiros anos do futebol em nosso estado. Vale lembrar que naquele ano era então comemorado um outro Centenário, este o da Proclamação da Independência do Brasil. O país estava tomado por comemorações e grande parte dos eventos realizados naquela data levavam este tema como mote. Não seria diferente no Futebol.

Todos os clubes passaram a jogar com garra, com o objetivo de serem campeões neste ano que era tão marcante. O Ceará trouxe reforços de fora do Estado, algo que era novidade para aquela época. No entanto, nosso adversário tinha a vantagem. Era o ano em que o Fortaleza buscava garantir seu primeiro tricampeonato, fazendo uma boa campanha e chegando ao jogo contra o Ceará buscando apenas uma vitória que os tornaria campeões sem sequer precisar jogar o último certame.

Se hoje é fato consumado que não se pode contar com uma vitória antes do término da partida, naquele ano esta máxima não foi seguida pelo tricolor. Antes mesmo da partida contra o Ceará ser realizada, os dirigentes tricolores reservaram um jantar de comemoração pelo título em um dos restaurantes mais conceituados da capital: O antigo Rotisserie. É óbvio que a notícia da soberba não agradou em nada os torcedores e atletas alvinegros. Motivo pelo qual os jogadores entraram em campo com ainda mais garra, vencendo a partida por 4 x 1. A partir de então a vantagem era do Ceará, que mais tarde venceria o campeonato. As comemorações tomaram as ruas da cidade, com os jogadores seguindo em carro aberto pelas ruas do centro e encerrando com um jantar no mesmo Rotisserie, antes reservado pelos seus rivais. É a partir deste momento que se cristaliza a rivalidade entre os dois clubes como um legítimo Clássico-Rei.

A ADC tinha dificuldades para gerir e organizar o esporte local. Por isso alguns clubes que a compunham encontravam dificuldades de relacionamento com a associação, como no episódio abaixo:



A MAIOR GOLEADA ALVINEGRA

Em novembro de 1940 temos o marco da maior goleada do Ceará sobre o Fortaleza em uma partida oficial. Naquele ano foram registrados seis jogos entre os dois clubes, três amistosos e três partidas pelo Campeonato Cearense. Os resultados foram duas vitórias para o alvinegro (4x3 e 6x0), uma vitória tricolor (3x2) e três empates (0x0, 3x3 e 4x4).

Apesar de o campeonato não ficar a cargo de nenhum dos dois clubes, este é um caso em que uma vitória acachapante em um Clássico-Rei teve impacto semelhante ao de um título. A partida foi realizada em um momento de grande crise entre os jogadores do Fortaleza. Pouco antes de entrar em campo, o treinador Valdemar Santos (Gavião) foi afastado do comando do time por conta de uma briga, com diversos dos jogadores o acompanhando em solidariedade. Os jogadores que restaram nem de longe estavam à altura de um clássico, sofrendo seis gols sem conseguir balançar a rede adversária uma única vez. Tal placar foi superado em 1955, desta vez em uma partida amistosa realizada no Campo do Ceará, Carlos de Alencar Pinto, em comemoração aos 41 anos de fundação do alvinegro. Partida em que o Vozão marcou sete gols contra zero do tricolor.

No ano seguinte, no Cearense de 1941 tivemos mais uma goleada alvinegra. O conflito entre a diretoria tricolor e seu ex-treinador fez com que o Ceará recebesse o reforço de alguns dos melhores jogadores que no passado eram de seu rival. Jogadores como França, Aluísio, Gutemberg e um dos maiores ídolos da história alvinegra, Mitotônio. Vencendo o campeonato de forma invicta, o Ceará enfrentou seu rival na penúltima partida do campeonato. Foi o último Clássico-Rei realizado no Campo do Prado, já que no próximo ano seria inaugurado o Estádio Presidente Vargas. A partida se manteve equilibrada no primeiro tempo, não saindo do zero a zero. Mas foi no segundo tempo deste clássico que o Ceará demonstrou sua superioridade, marcando o placar de 4x0.



UM HISTÓRICO CLÁSSICO-REI

O Ceará iniciou o Campeonato Cearense de 1962 vindo de uma série de marcantes vitórias no ano anterior, buscando assim seu bicampeonato. No entanto, diversos foram os problemas enfrentados extracampo, com o clube alvinegro trocando de treinador por sete vezes. Só o zagueiro Alexandre Nepomuceno assumiu o comando três vezes, Janos Tatray duas vezes e uma passagem pelo clube de Sávio Ferreira, Sá Filho e Zuza. Buscando explorar os problemas do adversário, o Leão do Pici interferia sempre que possível para aprofundar a crise. Um exemplo foi o momento da segunda saída de Janos Tatray, quando a diretoria tricolor chegou a pagar sua passagem para Natal por conta de uma proposta recebida do Paysandu. Ou quando tentaram cooptar jogadores a trocar de lado pouco antes do Clássico-Rei do primeiro turno, oferecendo salários astronômicos para diversos dos craques alvinegros.

Com todos estes problemas, o Ceará chegou ao quadrangular final sem grandes vantagens. O que tornou a vitória contra o Fortaleza na final do campeonato em um dos mais emocionantes Clássicos-Rei já registrados em nossa história. Foi uma partida conturbada e polêmica, durando apenas 75 minutos por conta de diversos casos de indisciplina e agressões do time tricolor. O Ceará abriu o placar ainda no segundo minuto do jogo com gol de Ivan Carioca e assistência do ídolo Gildo. Começa então o primeiro conflito, com a expulsão de Rubenval e Zé Raimundo por troca de socos. O empate tricolor aconteceu com uma jogada questionada pelos alvinegros, um gol de Haroldo Castelo Branco. Ainda no primeiro tempo ocorreu o gol de desempate do Ceará com mais um gol de Ivan Carioca. O craque foi acusado pelos adversários de tocar a bola com a mão, acusação prontamente rejeitada pela arbitragem.

No segundo tempo, mais uma expulsão do lado do Fortaleza, Mozart. Desestabilizado emocionalmente, a equipe tricolor sofre mais um revés quando Willian comete uma falta por trás e se revolta com a marcação da arbitragem, agredindo o juiz mesmo após já ter sido retirado de campo. Com dois jogadores a mais, o Ceará faz sua terceira marcação, em um belo gol de cabeça de Gildo. É então que o time tricolor se revolta, abandonando em conjunto o campo em protesto contra a alegada imparcialidade da arbitragem. O jogo é então encerrado faltando 15 minutos, no qual foi tomado pelo canto de campeão da torcida.





Ceará em 1962. Em pé: Aluisio Linhares, William, Alexandre Nepomuceno, Zezé, Evandro e Carneiro. Agachados: Carlito, Ivan Carioca, Gildo, Ernane e Expedito Chibata.

O CLÁSSICO QUE NOS TROUXE O TETRA

O Campeonato Cearense de 1978 garantiu ao Ceará um título até então parcialmente inédito, já que o penta campeonato de 1919 ainda não tinha sido homologado pela Federação Cearense de Futebol. O time alvinegro não chegou a fazer uma campanha brilhante no começo do campeonato, tendo sua maior arrancada na fase final da disputa. Uma contratação polêmica da época foi a de Moésio Gomes como treinador da equipe, este que tinha longa história atuando pelo lado rival. A contratação, apesar de questionada por muitos, fez valer o esforço. Neste ano foi contratado ainda o ponta-esquerda Tiquinho, personagem central da conquista do tetra daquele ano.

A final deste campeonato é considerada por muitos como o mais famoso Clássico-Rei em mais de cem anos de história da disputa. As duas equipes entraram em campo com máxima cautela, buscando evitar ao máximo levar um gol adversário. O cuidado foi tanto que no primeiro tempo não houve nenhuma oportunidade real de gol para nenhum dos dois clubes.

No segundo tempo, pouca coisa mudou. Foram poucos chutes a gol e parecia que a partida se encaminharia para a prorrogação. Foi quando, no minuto final da partida, se iniciou a jogada que seria eternizada na narração de Gomes Farias. Dudé, lateral do Leão do Pici, tentava sair da marcação alvinegra pela esquerda e tocou para Otávio Souto, Amilton Melo se aproximou, roubou a bola do atleta adversário e passou para Jangada, que rapidamente lançou para Ivanir, que partiu livre. Ivanir segue em direção ao gol, tendo à frente apenas dois jogadores adversários. É quando identifica, atrás dos dois tricolores, o ponta-esquerda Tiquinho. A bola cruza quase toda a grande área e sobra livre, sem marcação e sem goleiro para o atacante marcar o gol do campeonato. Daí então não houve mais tempo para reação. O Ceará era Tetracampeão Cearense!



Tiquinho.

QUANDO O REFORÇO VEM DO ADVERSÁRIO

A Década de 80 nos trouxe poucos Clássicos-Rei decisivos para campeonatos oficiais. No entanto, uma delas é digna de nota por ser mais um momento em que o Ceará encontrou, em figura ligada no passado ao clube rival, o reforço decisivo para o título de Campeão Cearense. No ano de 1986 foi contratado Amilton Rocha, que no ano anterior foi Campeão Cearense pelo clube tricolor.

No triangular final a primeira vitória foi do Ceará, por 1x0. A segunda partida foi decisiva, bastando uma vitória para sagrar campeão o time alvinegro. Os dois clubes chegam a campo para uma partida bastante disputada, com o primeiro gol marcado vindo do lado tricolor, quando Frank abre o placar aos 28 minutos. A reação veio aos dois minutos do segundo tempo, com Gérson Sodré explorando uma falha da equipe adversária. O jogo se torna cada vez mais acirrado. E a virada veio aos 37 minutos do segundo tempo, quando o outrora tricolor Amilton Rocha fez o gol definitivo para o alvinegro. É título para o Ceará!



Clássico-Rei em 1982. Fonte: Diário do Nordeste .



O PRIMEIRO CARRASCO

É comum que atletas recebam apelidos da torcida quando se destacam. Fenômeno, Paredão, Muralha e diversos outros. No Ceará, no Clássico-Rei do Cearense de 1990, um atleta com o apelido de Hélio Carrasco foi figura central para a vitória. O apelido de Carrasco, que não seria utilizado apenas por um jogador alvinegro ao longo de sua história, se dava a Hélio de Oliveira pela sua grande capacidade de marcar gols contra o rival tricolor.



Hélio Carrasco. Fonte: Jornal O Povo.

Com mais pontos somados ao longo da competição, o Ceará dependia apenas do empate. Mas o time entrou em campo buscando com garra a vitória. O primeiro gol veio no final do primeiro tempo, quando Hélio dribla o goleiro adversário e, quase sem nenhum ângulo, abre o placar. O jogador foi responsável ainda pela assistência do segundo gol, quando Santos marcou aos seis minutos do segundo tempo. Um susto vem quando o Leão balança a rede aos 31 minutos do segundo tempo. Mas isso não foi suficiente para suplantarmos a superioridade alvinegra naquele dia. A partida encerrou com o Ceará ganhando por 2x1 e garantindo o título.





Ceará em 1990. Em pé: Val, Roberval, Edson Barros, Beto Cruz, Airton Tanque e Clóvis. Agachados: Carlos Alberto Borges, Claudemir, Hélio Carrasco, Dadinho e Gérson Sodré.

O LONGO E DRAMÁTICO CLÁSSICO-REI

Na busca pela decisão do primeiro turno do Campeonato Cearense de 1996, o Ceará e o Fortaleza entraram em campo para o que seria um dos mais tensos e dramáticos dos clássicos. Jogo marcado por diversos problemas envolvendo a arbitragem, treinador e até mesmo o presidente do clube tricolor.

Jogando em desvantagem e precisando da vitória, o Ceará abriu o placar aos sete minutos com gol de mais um Carrasco – desta vez o ídolo Sérgio Alves. O time tricolor perdeu um dos seus jogadores aos 20 minutos, sendo o atleta Expedito expulso por falta violenta. A reação do Leão viria ao final do primeiro turno, com gol de Aluísio. No entanto, o gol, que em primeiro momento foi validado pelo árbitro, foi sinalizado como impedido pelo seu auxiliar. Neste momento se instaura a discórdia entre a equipe do Fortaleza e a arbitragem, com seu Presidente, Sousa Filho, partindo para cima do bandeirinha. Tanto Newton quanto o treinador Newton Albuquerque foram expulsos. Vale ressaltar que este último era irmão do árbitro, mas o parentesco não o ajudou.

O empate de fato chegaria aos seis minutos do segundo tempo, em um pênalti cobrado por Marco Antônio. Mas o empate não foi suficiente, o time tricolor perdeu mais um jogador quando Darley foi expulso por falta violenta. Desfalcado, os atletas do Fortaleza não conseguem segurar o alvinegro e mais um tento é marcado com cabeçada de Paulinho aos 29 minutos.

A vitória alvinegra provocou uma prorrogação, também tensa e emocionante. Desta vez é o alvinegro a ser desfalcado, perdendo Airton aos 2 minutos. Logo depois tivemos mais um empate, com mais um pênalti de Marco Antônio. Mais um revés para o Vozão, o zagueiro Aldemir é expulso. É o momento em que Sérgio Alves faz valer seu apelido de Carrasco, quando marca seu gol no minuto final da prorrogação. Mais uma extensão da partida, desta vez em modelo de “morte súbita”, na qual a vitória iria para o clube que primeiro balançasse a rede. Iria, já que com ambos os lados estando em estado de quase exaustão, nenhum gol foi marcado. A primeira série de pênaltis foi marcada também pelo equilíbrio entre as partes, ficando em 4x4. Na segunda série vem enfim o resultado, com chute feito pelo goleiro alvinegro Chico. Tem fim o longo, extenuante e emocionante Clássico-Rei que marcou uma geração de torcedores.



Clássico-Rei em 1992. Fonte: Diário do Nordeste.

SÉRGIO ALVES E A QUEBRA DO TABU

A história do Clássico-Rei é marcada por um certo equilíbrio entre as equipes rivais. No entanto há momentos em que uma das equipes consegue encadear uma série de vitórias, levando o clube adversário a ter como principal meta a quebra desta corrente. Como já vimos neste fascículo, o Ceará já teve seus momentos de vitórias ininterruptas contra o Fortaleza. Agora falaremos da partida que encerrou uma fase em que o adversário estava nesta posição.

Em novembro de 2001 o Ceará buscava dar fim ao marco de 16 jogos sem uma vitória contra o rival. Valendo como partida oficial pela Série B do Campeonato Brasileiro os dois clubes entraram em campo para uma partida truncada, com diversas faltas cometidas por ambos os lados. Ambas as equipes ensaiaram abrir o placar no primeiro tempo, tendo todas as chances desperdiçadas.

O segundo tempo não seria tão diferente, com o Fortaleza dando um único grande susto no rival alvinegro, quando Clodoaldo acertou o travessão e frustrou sua torcida que tanto ansiava por mais uma vitória.

A definição do jogo, e a quebra do tabu pelo time do Porangabuçu só viria pelos pés de Sérgio Alves. O atacante alvinegro tinha recém retornado aos quadros do Ceará S.C., quando tomou para si a responsabilidade por cobrar um pênalti aos 47 minutos do segundo tempo. É o momento em que mostra sua habilidade e demonstra ser um verdadeiro Carrasco que poria fim ao tabu e iniciaria um novo ciclo no embate entre os dois clubes.

DANÇA DAS CADEIRAS

A final do campeonato veio após uma campanha conturbada. A vaga do Ceará veio após uma fase de derrotas, incluindo para seu grande rival, e da troca do treinador. Sendo o técnico Zé Teodoro responsável por garantir a ida às semifinais estando a 8 pontos atrás do rival.



Momento do gol de Sérgio Alves.

Em abril de 2006 ocorreram as partidas finais. A primeira delas inicia com grande pressão do alvinegro sobre o adversário. Tivemos algumas oportunidades reais de abrir o placar, mas a rede só balançou aos 13 minutos do segundo tempo. Quando Reinaldo Aleluia pegou a bola no canto esquerdo e avançou para dentro da área, fez três fintas desconcertantes na frente do adversário André Cunha, deixando-o humilhado no chão, e cruzou para o cabeceio de Juninho.

O Fortaleza tentou de tudo para garantir uma reação e o empate. Chegou a assustar em alguns momentos. Com a expulsão de Preto, atleta alvinegro, aos 18 minutos, o time tricolor imaginou que seria sua chance. Mas defendendo a rede pelo Vozão havia um “Paredão”, o goleiro Adílson. E é ele quem se destaca quando, aos 33 minutos do segundo tempo, é marcado penalidade máxima para o Fortaleza. Rinaldo, apelidado pela torcida do Leão como “Homem Raio”, é o responsável por bater a cobrança. Mas sua habilidade não consegue superar os reflexos de Adílson, que em uma defesa espetacular consegue garantir a vitória.



Reinaldo Aleluia em atuação pelo primeiro jogo da final do certame de 2006. Fonte: Diário do Nordeste.

O CLÁSSICO CENTENÁRIO

O ano de 2018 foi marcado pelo centenário de fundação do Fortaleza S.C. O que marca também o centenário dos primeiros embates entre o Leão do Pici e o Alvinegro de Porangabuçu. No entanto, a festa tricolor não pôde contar com a alegria da vitória no Clássico-Rei pela final do Campeonato Cearense.

Logo na primeira partida o campo foi dominado pelo alvinegro. Entre as tentativas de ataque, a primeira a conseguir furar o bloqueio adversário foi a de Arthur, quando cabeceou no canto do gol e fez a rede balançar aos 34 minutos do primeiro tempo. Pouco depois veio seu segundo gol, partindo de um escanteio aos 42 minutos, quando Felipe Azevedo desviou de cabeça e Arthur lançou a bola para dentro da trave do adversário. O segundo tempo nos trouxe expectativas de um terceiro gol, as quais foram frustradas pela defesa de Matheus Inácio. O tricolor ainda conseguiu fazer seu gol de honra no final da partida, dando esperança para sua torcida de uma reação no segundo jogo.

O Ceará mais uma vez entrou em campo focado na vitória, acabando com qualquer esperança tricolor de comemorar seu centenário. Com gols de Pio e de Felipe Azevedo, contra apenas um do tricolor Adalberto, nos minutos finais da partida. O alvinegro garantiu mais um título cearense e sua superioridade a uma disputa que marcava então seus 100 anos de realização.



Arthur comemorando gol na final do cearense de 2018. Fonte: Ceará SC.

Estatísticas atualizadas do Clássico-Rei:
Jogos: 606
Vitórias do Ceará: 203
Empates: 219
Derrotas: 184

Artilheiros:
Gildo - 25 gols
Sérgio Alves - 21 gols
Mitotônio - 19 gols



Realização
Clube do Malte e Ceará Sporting Club



Jornalista
Ana Paula Komar
Vicente Eduardo Troiano Neto

Pesquisa
Thiago Eloi
Pedro Mapurunga

Direção de Arte
Alexandre Norito
Isabela Augusto

Revisão
Ana Paula Komar
Davi Barreto
Gabriel Arcelino
Thiago Eloi
Vicente Eduardo Troiano Neto

Fotos e conteúdo:
Centro Cultural Ceará Sporting Club